

PROFIT AND PLEASURE: SEXUAL IDENTITIES IN LATE CAPITALISM

[ROSEMARY HENNESSY]

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i3.57470>

Hiago Rocha de Oliveira¹

Título: Profit and pleasure: sexual identities in late capitalism

Autora: Rosemary Hennessy

Tradução: Sem edição em língua portuguesa

Editora: Routledge

Ano da publicação: 2017 (1ª edição, 2000)

Páginas: 280

Como o capitalismo atua na conformação e na modulação de nossas percepções sobre identidades de gênero e sexualidades? Rosemary Hennessy, acadêmica lésbica e feminista marxista dos Estados Unidos, tem se engajado em estudar essa complexa relação ao longo de sua obra. No contexto emergente de estudos interdisciplinares que entrelaçam capitalismo, questões de gênero e sexualidade, a obra de Hennessy, intitulada *Profit and pleasure: sexual identities in late capitalism* [Lucro e prazer: identidades sexuais no capitalismo tardio, tradução livre] é uma articulação relevante no campo. Trata-se de um avanço teórico que catalisa novas investigações que vêm se avolumando em torno de uma virada materialista/marxista nos estudos de gênero e sexualidade.

Em *Profit and pleasure*, Hennessy articula uma abordagem crítica que desafia as dicotomias epistemológicas que tradicionalmente segregaram as categorias de classe e sexualidade. Nas trilhas do feminismo marxista, Hennessy examina a mercantilização e a historicização das identidades LGBTQI+ no capitalismo, especialmente na sua fase *contemporânea*. Ela não apenas revisita e avalia criticamente as formulações marxistas anteriores sobre sexualidade, mas também enriquece o campo dos estudos de gênero e sexualidade ao realizar uma série de digressões que imprimem uma dimensão materialista à análise. Visa, nesse sentido, contribuir para a formação de bases analíticas mais sofisticadas, que integrem classe e sexualidade como categorias indissociáveis, sem abstrair das outras relações sociais fundamentais como gênero e raça.

A obra se distingue por dois vetores analíticos entrelaçados: um epistemológico e outro ontológico. Epistemologicamente, o estudo empreende uma crítica vigorosa calcada no feminismo marxista, que questiona as restrições da teoria *queer* – notadamente sua ênfase em perspectivas localizadas e sua tendência a desmaterializar relações sociais. Ontologicamente, a pesquisa procura

esclarecer a intrincada constituição das identidades de gênero e sexualidade dissidentes dentro do cenário dinâmico do capitalismo contemporâneo.

O contexto histórico e teórico do século XX é fundamental para entender as inovações que Hennessy traz em sua obra. O legado dos estudos LGBT, calcado em métodos tão diversos quanto o marxismo e o estruturalismo e moldado também pela prática política da *liberação sexual* no nascedouro da luta de afirmação das identidades dissidentes de gênero e sexualidade, constituiu um alicerce epistemológico inestimável para o trabalho de Rosemary Hennessy. Antes da proeminência quase hegemônica do pensamento foucaultiano no ambiente acadêmico e político entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, a esfera de sexualidades e gêneros não-conformes passava por transformações substanciais entre as décadas de 1960 e 1980. Nesse período, os *gay and lesbian studies* (estudos gays e lésbicos) surgiram como um campo acadêmico robusto, posteriormente evoluindo para os *LGBT studies* (estudos LGBT). Inicialmente focados em instituições acadêmicas da Europa e América do Norte, esses estudos engajaram-se na desconstrução crítica de práticas e representações sociais normativas de sexualidade, ao mesmo tempo em que se tornaram pilares na luta por direitos e contra a marginalização dessas identidades.

Nesse processo, intelectuais e ativistas enfrentaram resistências marcantes por parte de setores conservadores que consideravam tais discursos como desagregadores dos valores tradicionais. A consolidação desse campo acadêmico transcorreu não apenas como um eco das demandas sociais e políticas, mas também como resultado de um diálogo sofisticado com outras correntes intelectuais. No seio desse capitalismo avançado, teorias que partiam da psicanálise, do estruturalismo, do feminismo e do marxismo ofereceram novas lentes analíticas que contribuíram para uma compreensão mais profunda e integrada das relações e mediações entre gênero e sexualidade, estabelecendo um terreno fértil para os avanços teóricos que Hennessy e outros viriam a fazer.

Na década de 1990, em um contexto marcado pelo avanço do neoliberalismo no quadro do imperialismo global e pela crise da AIDS, a teoria *queer* emergiu como uma crítica contundente aos estudos gays e lésbicos, que até então focavam em estratégias políticas ancoradas em identidades fixas. Desafiando noções prévias de identidade homossexual universal e estática, a teoria *queer*, influenciada principalmente por Judith Butler e pensadores como Foucault, Derrida e outros, foca na fluida constituição de gêneros e sexualidades. Essa abordagem complexificou ainda mais a discussão ao englobar, parcialmente, variáveis como raça, classe e relações de poder, inserindo reflexões críticas do feminismo, do pós-estruturalismo e até mesmo do marxismo.

Em contraste com os estudos gays e lésbicos, que priorizavam a identidade como uma ferramenta política, a teoria *queer* expandiu o escopo para desafiar as normas hegemônicas e heteronormativas, e explorar modos alternativos e não-categorizáveis de existência. Ela se distancia das táticas de "repressão-liberação" dos movimentos anteriores para adotar uma concepção de poder mais disciplinar, dirigindo-se contra regimes de normalização e heteronormatividade. Embora criticada por seu foco teórico e por vezes desvinculada de questões materiais, a teoria *queer* permanece uma

ferramenta multidisciplinar vital para desestabilizar discursos e práticas hegemônicas, particularmente em um momento de ascensão do conservadorismo contra comunidades dissidentes de gênero e sexualidade, quando o retorno à abjeção volta a se tornar uma realidade historicamente possível.

A teoria *queer* trouxe consigo uma revolução epistemológica ao adotar uma abordagem pós-estruturalista que prioriza a fluidez das identidades e o poder dos discursos. No entanto, foi justamente essa ênfase teórica e desconstrutivista que atraiu críticas marxistas, como aquelas articuladas por Rosemary Hennessy. Esses críticos argumentam que a teoria *queer*, ao negligenciar uma análise materialista robusta, corre o risco de fragmentar as estruturas de opressão e, por conseguinte, de enfraquecer estratégias políticas eficazes contra as opressões interligadas de gênero e sexualidade. Apesar das diferenças ideológicas e metodológicas, ambos os campos têm evoluído para uma visão mais integrada, reconhecendo as contribuições mútuas em questões como a crítica à assimilação e a representação de múltiplas identidades sexuais e de gênero.

No contexto diversificado dos estudos LGBT e da teoria *queer*, Hennessy realiza uma análise crítica que transcende as limitações desses campos, unindo teoria acadêmica e realidades vividas através de uma abordagem materialista da sexualidade.

No primeiro capítulo de *Profit and pleasure*, Rosemary Hennessy analisa como o capitalismo tardio – termo cujo uso ela associa a teóricos como Ernest Mandel e Fredric Jameson – influencia profundamente as identidades sexuais e de gênero e como isso conecta realidades locais às dinâmicas mais globais. Ela destaca o paradoxo vivido pelas mulheres, que são parcialmente incluídas como cidadãs e trabalhadoras, mas ao mesmo tempo são subjugadas por uma divisão de trabalho generificada, seja pela inserção precária no âmbito da produção, seja pelo trabalho de reprodução social gratuito e invisibilizado. Essa subjugação é amplificada para mulheres marginalizadas por raça ou classe. Hennessy critica a idealização do "local" como refúgio de resistência e pede uma análise mais global que conecte experiências locais às estruturas de poder globais.

Em seguida, ela explora o amor e a afetividade como construções sociais ligadas ao poder capitalista. Contrapondo-se a visões que isolam o amor no âmbito pessoal e emocional, Hennessy defende que ele tem dimensões materiais e políticas que sustentam e legitimam relações de classe, gênero e poder. Nesse processo, desafia dicotomias tradicionais, como pessoal *versus* político, e sugere novas metodologias que integrem essas dimensões na análise das relações entre amor, trabalho e poder, se abrindo num vasto corpo teórico. Hennessy observa que, embora o capitalismo tenha o poder de destruir estruturas sociais antigas, esse impulso "libertador" é contrabalançado por sua necessidade inerente de acumular capital, o que resulta em formas atualizadas de exploração e desigualdade. Este paradoxo manifesta-se em desafios cotidianos, como equilibrar trabalho remunerado e não remunerado e enfrentar normas, discriminações e violências sociais, como o racismo e a LGBTfobia. Hennessy destaca a sexualidade como um campo onde essas contradições se tornam especialmente visíveis. Por isso, enfatiza a necessidade de teorias capazes de conectar estruturas sociais amplas a experiências individuais, especialmente no que diz respeito à sexualidade e ao capitalismo.

No capítulo 2, intitulado “O Material do Sexo” a autora examina como o marxismo frequentemente marginalizou ou omitiu-se da discussão sobre a materialidade do sexo e da sexualidade⁴. A autora passa então a revisar alguns pensadores marxistas que tentaram abordar a materialidade da sexualidade, como Alexandra Kollontai, Wilhelm Reich e Herbert Marcuse. Kollontai é apontada como uma pioneira ao insistir que questões de sexualidade e relações pessoais deveriam ser abordadas em debates socialistas, embora seu trabalho tenha sido marginalizado. Reich e Marcuse, por sua vez, tentaram combinar marxismo com psicanálise para entender a materialidade da sexualidade, mas suas abordagens acabam por ancorar a sexualidade em impulsos instintivos, posicionando-a fora do âmbito social e histórico.

O movimento de libertação gay, especialmente após Stonewall, incluiu grupos que tentaram integrar a teoria marxista na luta pela liberação sexual. O objetivo era demonstrar que a opressão sexual estava vinculada ao capitalismo global. Essas tentativas, no entanto, esbarraram em desafios como a falta de foco na opressão vivenciada por mulheres lésbicas e nas particularidades relacionadas à divisão generificada do trabalho e o trabalho de reprodução social, tradicionalmente atribuído a mulheres. Até a década de 1980, a maioria das abordagens marxistas para entender a sexualidade foi abandonada ou enfraquecida, em grande parte devido à hesitação dos grupos socialistas tradicionais em se envolver com temas sexuais. Esse afastamento contribuiu para o surgimento e consolidação dos estudos culturais e do "materialismo foucaultiano" como os principais paradigmas para a compreensão da sexualidade.

Hennessy explica que houve uma falta de consenso sobre como abordar a questão da sexualidade dentro de uma estrutura marxista, levando ao declínio do marxismo gay à medida que os estudiosos começaram a se concentrar mais em um materialismo cultural. Recentemente, alguns estudiosos como Ann McClintock têm buscado revisitar e revitalizar essa relação entre materialismo histórico e sexualidade. McClintock, por exemplo, argumenta que a lógica de "abjeção" (“*queer*” / “*queerness*”) serve como um mecanismo através do qual áreas da vida social como desejo sexual e o inconsciente são segregadas da análise materialista. Ela sustenta que essa segregação não é apenas um fenômeno cultural ou psíquico, mas também tem raízes nas mudanças históricas e sociais associadas ao capitalismo industrial e ao imperialismo.

Retomando o surgimento da teoria *queer*, essa nova abordagem rompeu com as políticas de identidade "gay" e "lésbica", propondo uma visão mais complexa e fragmentada da identidade sexual. Enquanto as políticas tradicionais buscavam solidez em categorias definidas, a teoria *queer* revelou essas identidades como construções influenciadas por múltiplos fatores de poder. Ela desafiou as normas heterossexuais e questionou a utilidade de categorias de identidade rígidas como base para a mobilização social.

Judith Butler expande a noção de identidade como performativa, argumentando que a identidade sexual é o resultado de atos, gestos e práticas discursivas repetidas. Em *Bodies that matter*, Butler desenvolve uma moldura materialista foucaultiana para entender a performatividade da

identidade. A materialidade do corpo, para Butler, é inseparável das convenções normativas que operam de forma performativa para constituir o sexo e a diferença sexual. No entanto, essa abordagem normativa da materialidade é criticada por Hennessy por seu foco excessivo no simbólico e cultural, negligenciando as relações de produção e exploração inerentes ao capitalismo. O debate entre Butler e o marxismo ortodoxo é marcado por equívocos e omissões, particularmente em relação à forma como o marxismo entende a classe como uma relação social e não como uma categoria cultural reificada.

Apesar da sua considerável heterogenia interna, uma característica comum apontada na teoria *queer* é a negligência do capitalismo como sistema de produção baseado em classes. Este fato é exemplificado pelo trabalho de Michael Warner, que, embora reconheça as dimensões sociais e políticas da sexualidade, falha em analisar a relação histórica entre sexualidade e capitalismo. Este padrão reflete uma convenção bem estabelecida de separar a história da sexualidade da história do capitalismo, perpetuando assim um silêncio em torno da possibilidade de vincular as mudanças nas organizações da sexualidade ao capitalismo.

No contexto acadêmico, a versão dominante da teoria *queer* atualmente é o que pode ser chamado, para a autora, de "teoria *queer* de vanguarda". Esta vertente, embora reivindique ser materialista, está fortemente inclinada a uma abordagem mais textual da identidade como significação, um materialismo do discurso. A diferença entre seu materialismo cultural e o materialismo histórico marxista exige maior esclarecimento, especialmente dado que ambos questionam categorias culturais e oposições sobre as quais se baseiam noções convencionais de identidade sexual. Hennessy critica a tendência pós-moderna de desvincular desejo e identidade sexual de suas bases materiais e históricas. Ao analisar o trabalho de Deleuze e Guattari, argumenta que, ao posicionar o desejo como motor da vida social, o pós-modernismo subestima as estruturas de exploração capitalista e patriarcal. Enfatiza, assim, a necessidade de uma abordagem materialista para reintegrar desejo e prazer nas análises de classe e exploração, desafiando narrativas pós-estruturalistas que tendem a negligenciar essas relações materiais.

No capítulo 3, "Estudos Culturais, Lógica da Mercadoria e Sujeitos Sexuais", Hennessy examina o alastramento do neoliberalismo nas políticas econômicas e sociais, destacando seu impacto deliberado na perpetuação da desigualdade econômica. Simultaneamente, oferece uma análise crítica da penetração do financiamento corporativo na academia, questionando a reorientação das metas educacionais em direção aos imperativos do mercado e ainda criticando a eficácia dos estudos culturais – sob paradigmas pós-marxistas que, como reiterado, priorizam questões discursivas e culturais em detrimento das estruturais e econômicas – como uma ferramenta para cidadania crítica, dado o risco de sua própria mercantilização e institucionalização.

Na seção seguinte, aborda a complexidade e as contradições inerentes às teorias marxistas de Louis Althusser, Stephen A. Resnick e Richard D. Wolff, e Raymond Williams sobre a relação entre cultura e capitalismo, com ênfase na *sobredeterminação*. Embora Althusser sugira que a economia seja "determinante em última instância," e Resnick e Wolff defendam uma interconexão mútua de todos os

aspectos sociais, ambas as abordagens enfrentam o desafio de como tratar eficazmente as relações de exploração capitalista sem reduzir ou obscurecer a complexidade das formações culturais. Argumenta que a *sobredeterminação*, apesar de captar a complexidade das interações sociais, pode diluir o foco nas relações de exploração e dominação cruciais para o sistema capitalista.

Ao falar sobre “comodificação das identidades sexuais” a autora argumenta de forma incisiva que a construção e reificação das identidades sexuais — especialmente, heterossexualidade e homossexualidade — são intrinsecamente moldadas pela lógica do capitalismo e da mercadoria. Baseando-se em um arcabouço histórico que remonta ao século XIX, delinea como a separação entre lar e trabalho fomentada pelo capitalismo industrial pavimentou o caminho para novas formas de auto-identificação sexual. Ao mesmo tempo, a transição para uma economia de consumo no final do século XIX catalisou uma maior aceitação de prazeres pessoais, incluindo a sexualidade, vinculando indissolúvelmente as identidades sexuais às mutações nas relações de produção e consumo. Aponta, ao final, que as perspectivas hegemônicas na explicação da sexualidade frequentemente a desvinculam das estruturas econômicas subjacentes, perpetuando assim as próprias condições de exploração e alienação que essas teorias procuram desafiar.

No capítulo seguinte, intitulado “Visibilidade *Queer* na Cultura Mercantil”, ela reconhece os avanços significativos alcançados por meio da visibilidade cultural e midiática de identidades sexuais e de gênero não-normativas, frequentemente fruto de esforços organizacionais e de ativismo. No entanto, ele adverte que essa visibilidade muitas vezes está atrelada a estratégias de mercantilização, incluída a publicidade e propaganda “rosa”, que reduzem a identidade *queer* a um sujeito consumidor, em detrimento de sua complexidade social e política.

Embora a teoria e o ativismo *queer* compartilhem algumas contradições e limitações, ambos buscam desestabilizar noções empíricas de identidade e visibilidade. A obra de Judith Butler é especialmente examinada para discutir como a *performatividade* pode servir como um lugar de resistência à heteronormatividade, embora a autora também critica a tendência de Butler e outros teóricos de reduzir a vida social a discursos. Ela entende que há uma carência crítica de um exame de classe na discussão acadêmica e ativista sobre identidade e visibilidade *queer* e que a ausência de tal análise restringe o escopo de qualquer agenda política *queer*, mantendo uma compreensão superficial da identidade sexual que não leva em conta as complexas baseadas em classe, na raça e no gênero.

Hennessy critica abertamente a estratificação da visibilidade *queer*, alegando que as representações são frequentemente confinadas a indivíduos de classe média, enquanto as experiências de pessoas *queer* em situações econômicas menos privilegiadas são negligenciadas ou invisibilizadas. Esta focalização cria e perpetua estereótipos que servem aos interesses de uma narrativa capitalista, representando a comunidade *queer* como um nicho de mercado lucrativo e consumidor. Para completar o quadro, o *pinkwashing* (“lavagem-rosa”) é abordado por ela ao destringir como corporações utilizam políticas de diversidade e inclusão como estratégias de relações públicas para desviar a atenção de práticas exploratórias.

O Capítulo 5, "Álibis Sexuais, Deslocamentos Coloniais", aborda as complexas relações entre sexualidade, identidade e imperialismo, centrando-se no filme *The crying game* como um estudo de caso. Hennessy examina como o filme, e a mídia em geral, atuam como veículos poderosos para a construção de "mitos" que naturalizam e codificam percepções sociais sobre identidade sexual e política, abordando questões-chave do colonialismo e do imperialismo. Para ela, esse seria um nítido exemplo da noção pós-moderna de ambivalência sexual e identidade performática. Ela também critica as abordagens de Slavoj Žižek e Judith Butler sobre sexualidade e identidade, argumentando que ambas falham em conectar suas teorias a estruturas sociais e históricas mais amplas, como capitalismo e imperialismo.

No sexto capítulo, a autora argumenta que o afastamento da política de classe em direção a uma ênfase no simbólico e no cultural tem limitado a nossa compreensão das estruturas materiais que moldam as relações sexuais e de gênero. Ela sugere que enquanto a visibilidade e aceitação de relações e identidades lésbicas estão em ascensão, essa visibilidade frequentemente ignora questões de classe e outras formas de estratificação social. Nessa toada, ela também revisita debates feministas históricos para argumentar que uma compreensão materialista da sexualidade, incluído o desejo, é crucial para uma política feminista eficaz.

As discussões feministas dos anos 80, embora tenham sido cruciais para empoderar mulheres ao desafiar os papéis patriarcais, também tiveram o efeito colateral de obscurecer a conexão entre sexualidade e sobrevivência. Este obscurecimento representa uma quebra com feministas socialistas e radicais anteriores que haviam abordado essa conexão de forma mais direta. Na análise da autora, esse deslocamento no discurso feminista ocorreu paralelamente à consolidação da classe média profissional nos Estados Unidos, especialmente no contexto da *New Left*, que incluía muitos filhos e filhas dessa classe emergente.

Uma questão central levantada é como o feminismo, particularmente o concebido e propagado por mulheres da classe média profissional, muitas vezes falha em abordar as complexas relações entre classe, raça e sexualidade. Ela cita diversos trabalhos que mostram como a "mulher respeitável" é uma construção racializada e de classe. O capítulo representa um exercício epistemológico que desafia os limites do que é considerado conhecimento válido em estudos de gênero e sexualidade, sublinhando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que incorpora múltiplas dimensões da experiência humana.

No último capítulo, intitulado "Identidade, Necessidade e o Fazer do Amor Revolucionário", a autora parte das teorias de Marx, Nietzsche e Wendy Brown, para argumentar que o liberalismo, ao promover uma identidade coletiva abstrata e universal, esconde as necessidades humanas não atendidas e as diferenças políticas no seio da sociedade civil. Argumenta que essa focalização na identidade produz um "ressentimento" reativo que limita o potencial para transformação estrutural. O capítulo introduz a noção de "desidentificação" como um mecanismo para dismantelar identidades reificadas e redirecionar o foco político para as "necessidades proibidas" sistematicamente negligenciadas pelo

capitalismo. Este redirecionamento é apresentado como essencial para uma política de esquerda verdadeiramente transformadora que visa a dismantelar as estruturas de exploração inerentes ao capitalismo.

A obra de Rosemary Hennessy, *Profit and pleasure*, marca um ponto de inflexão nos estudos de gênero e sexualidade. Ao aliar uma análise materialista com as discussões contemporâneas sobre identidades de gênero e sexualidade, Hennessy propõe um paradigma inovador que transcende os limites tanto do pós-estruturalismo quanto das abordagens *queer* que negligenciam o substrato econômico. Sua obra serve como um manifesto para a incorporação crítica da economia política nos estudos de gênero, desafiando a tendência de confinamento dessas questões em um vácuo cultural ou simbólico.

Referências:

ABREU, Maira; CASTRO, Bárbara. Marxismos, feminismos, queer e sexualidades – parte I. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 48, p.89-164, 2019.

ABREU, Maira; CASTRO, Bárbara. Marxismos, feminismos, queer e sexualidades – parte II. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 49, p.73-174, 2019.

HENNESSY, Rosemary. **Profit and pleasure: sexual identities in late capitalism**. 2. ed. Routledge, 2017 [2000].

RUBIN, Gayle. Pensando Sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: _____. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2018 [1984].

¹ **Notas**

Mestre em Política Social (Ufes). Professor do Departamento de Relações Internacionais e Educação do Centro Universitário Multivix Vitória e Professor voluntário do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pós-Graduado *lato sensu* em Filosofia e Teoria do Direito (PUC-Minas). Graduado em Ciências Sociais e Direito (Ufes e FDV). Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho e Práxis (CNPq). Experiência em advocacia antidiscriminatória, estudos de gênero e sexualidade, e sociologia econômica. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2511258001711486>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0102-2714>. E-mail: hiago.oliveira@ufes.br.

Recebido em: 13 de nov. 2023

Aprovado em: 1º de dez. 2023